

Leiria  
16.7.75

Amigo Capitão Maia

Muito gostaria de ter tido algumas impressões formalizadas consigo aquando da minha vinda - de surpresa - para Leiria. Ainda fui à Escola apenas conseguindo falar com o Cap. Jaceia Correia.

Também gostaria que agora - por escrito - pudesse transmitir uma série de inquietações que já há muito se me vêm pondo. É tal vez vai acontecer aqui pelas limitações da palavra escrita que sobretudo pelo facto de não ter tempo nem disposição interior para uma reflexão séria e aprofundada em termos de sistematização.

— 11 —

Como se torna evidente, sinto-me profundamente ligado à caminhada que o nosso Povo tem vindo a fazer. Posso mesmo afirmar que desde há muito tempo - 8 ou 9 anos - tenho toda a minha vida ligada a libertação das classes trabalhadoras deste país. Se isto pouco significa, confirma pelo menos a certeza de que a Revolução não nasceu para viver em 25 de Abril.

É a aprendizagem política que fiz em universidades ou em livros especializados mas fundamentalmente através da presença e actuação lá onde este Povo já vinha lutando. E aprendi sobretudo uma coisa: o nosso Povo não é reacção; é a Revolução que tem de ser pedagógica.

— 11 —

Por isso bem:

1 - Estás perfeitamente ao corrente do que se tem





viudo a passar com a Inspeccao Geral do Trabalho. Alias, cabe aqui um agradecimento pela ajuda que nos prestou.

O mais grave de todo o processo são as autênticas atitudes ditatoriais que se tomaram sem que a chefia do ministho do Trabalho ou Secretario de Estado tenha usado qualquer autoridade. Por mais de uma vez temos vindo a solicitar reabertura do dialogo sem que até ao momento tenhamos obtido qualquer eco. Que dizer? Quem o ministro tem no seu ministério uma "fabrica" de contra-revolucionarios? Quem o ministro actua de formas grosseiras e vergonhosas que no tempo da ditadura fascista só raramente se utilizavam? Afinal quer-se ou não fazer a Revolucao com todos os que a desejam ardentemente? Quem quer afastar deste processo, dia a dia, atitude a atitude, largos sectores de trabalhadores deste Pais?

Quem é profundamente reaccionista? Ou será que a actuacao tipo "vestuz" ou mais propriamente tipo "viboz" é revolucionaria? Sim, porque toda esta actuacao é fundamentalmente enquadrada num plano que - mecanicamente - visa um fim. A falta de capacidade do ministério do Trabalho em fazer um acompanhamento decente do processo é minorada pela criacao de "bodes expiatorios", que somos nós - o auxilliao. Mas, quem devia avançar com legislacao revolucionaria? Quem deveria acompanhar as conquistas das classes trabalhadoras através duma presenca juridica e pessoal em todos os pontos? No sentido de adaptar o aparelho de Estado a esta dinâmica quem deveria dialogar com os funcionarios, incentivar a sua participacao e corrigir os seus erros?

Marginalizando-os, não lhes fornecendo um minimo de confiança e abri-los de portas para uma actuacao eficaz, quem estruturou o desinteresse ou a apatia que possa ser detectada



num ou outro caso? Onde está a pedagogia desta Revolução?

Torna-se cada vez mais evidente que o Ministério do Trabalho se tornou num fundo comandado por pessoas talvez bem intencionadas mas onde têm acolhimento todos os oportunistas desde Pais que no dia 25.4.74 resolveram mudar a ensaca. É não é por acaso que pululam por aqueles corredores em lugares de confiança muitos dos que até àquela data eram dos mais fiéis seguidores do "ancien régime".

Pergunto: quem é o accionário?

A nossa luta caiu num impasse. É era tão fácil avançar. Bastaria deixarmos que, periodicamente, fosse aproveitada essa luta. É, quem sabe, talvez a nossa acção seja ingénua. Parece vergonhoso - eu afirmo que o é - que numa luta em que se está em causa a reabertura dum diálogo com trabalhadores que demonstram na prática quotidiana a sua integração no processo, haja esta actuação governativa.

Se assim é numa coisa tão mesquinha, torna-se compreensível a incapacidade governamental para outros problemas de fundo.

Bem, basta de desabafos. Prende-me a isto a solidariedade com os restantes camaradas. Mas quando descobrirem uma outra forma de ser mais útil à Revolução não hesitem. Além só a dificuldade de encontrar outro emprego útil me tem segurado aqui.

2- Esta longa-longa toda tem outro merito, além do desabafo. É que introduz outra questão extremamente importante: a situação actual do processo. É esta a questão que considero fundamental.





Como vai a Revolução neste país?

Sem pretensões a esgotar o assunto ou até a analisá-lo em profundidade, parece-me útil reflectir sobre alguns aspectos. E se com isto não penso modificar muito, sinto que vale a pena, mesmo que só à laia de desabafo, transcrevê-lo — porque penso que está farto eu) interessado no avanço do processo — essas reflexões.

Disse eu há pouco que aprendi que a Revolução tem de ser Pedagógica. Ouero assim dizer que não é "agredido", bismudiu espadas ou ameaças, que se faz qualquer Revolução.

É evidente que a dialéctica deste (ou qualquer) processo não pode ser analisada como se estivéssemos em presença dum tabuleiro de xadrez. É evidente que as contradições que têm vindo a ser resolvidas não fazem mais que introduzir novas contradições. É assim sei até que deixa de haver classes antagónicas neste País. É também evidente que se este País (ou outro qualquer) fosse um tabuleiro de xadrez, em 25 de Abril de 1974 o N.F.A. teria tomado as posições que agora — talvez tardiamente — tem vindo a tomar.

Resulta assim que estou totalmente com as posições do N.F.A. no que respeita ao criar uma nova forma de poder popular e directo, organizando-se as classes produtoras autónomamente em torno de objectivos patrióticos e mobilizadores.

Mas...

Se não tivesse as comparações, diria que o que se passa em alguns sectores deste País é muito semelhante ao que acontece em relação ao Ministério do Trabalho. Temos que este País se venha a tornar num fundo.

Para se fazer uma Revolução é preciso transformar radicalmente. O que parece é que se perdeu a noção de uni-





litância. Deve-se fazer a Revolução sem uma constante actualização pedagógica, paciente e decidida. Actualização que terá de começar no exemplo do dia a dia. E que se deverá prolongar, sempre sem parar.

A responsabilidade que o M.F.A. toma ao proclamar-se movimento de libertação passa pelo abandono drástico dos sectarismos. Passa por uma autêntica auto-critica dos seus membros. Passa pelo repúdio da impopularidade aos lugares. E eu não digo que o M.F.A. sofra destes males, salvo alguns casos. Mas digo que é preciso que o M.F.A. assumam corajosamente a posição de denúncia de todos os oportunismos que à sua sombra se verificam.



É evidente que o anti-comunismo ideológico e primário é explorado exacerbando problemas merquinhos. Mas também é verdade que o P.C.P. e o M.D.P. têm contribuído seriamente para isso com graves erros de actualização. Erros que não estão em linha de conta com linhas ideológicas. Mas fundamentalmente, e por muito que preze a actualização dos referidos partidos (ou outros) não pode o M.F.A. permitir alguns abusos que — eventualmente fora de controle das direcções — têm vindo a ser cometidos. E porque?

Porque todos esses factos são desmobilizadores e perfeitamente aproveitados pela burguesia europeizada (ou não) para pôr largas camadas da população contra o processo.

Então acredita que o P.S. ou o P.P.D. estavam a tomar estas atitudes se não sentissem que o terreno lhes começa a ser favorável?

A última Assembleia do M.F.A. tomou medidas muito importantes. Urge tomar medidas drásticas que sejam



reais benefícios para as classes mais desfavorecidas. Sustentabilidade sim, mas para quem? Para quem? Para quem?

É que continuam ainda a ser as classes trabalhadoras a sofrerem os juros dum país deficit. Não será uma afronta mesmo País com tantos milhares de pessoas a ganharem menos de 4.000.00 mensais haver-se estabelecido "revolucionariamente" um salário máximo de cerca de 40.000.00? Eu sei que com salários baixos os técnicos vão-se embora ou desinteressam-se do processo. Pois que o façam. Os técnicos que verdadeiramente interessam ao País são os que fizeram uma correcta opção de classe ao lado dos oprimidos e explorados. É essa opção há de ir às últimas consequências.

Quantos ministros abdicaram já do aumento de vencimento do que os cargos lhe conferem? E Secretários de Estado e, e, etc? E os conselhos? Quem está disposto a ser realista nos conselhos? Quem se dispõe a arcar com as consequências?

— 11 —

O futuro da nossa Revolução vai depender da coragem que se tiver nos tempos mais próximos. Talvez que — mesmo os mais triunfalistas — se comece a concluir que os erros não chegam para uma Revolução. Tomem-se as medidas urgentes e esteja-se certo que os militantes revolucionários de base as apoiarão. É nessa posição activa de apoio crítico se manterá enquanto o M.F.A. conseguir resolver as suas próprias contradições internas num sentido progressista.

Qualquer que seja esse futuro — por mais duro que ele venha a ser — pode contar sempre com um homem que desde há muito põe os interesses colectivos acima dos pessoais e que continua a acreditar que é "O POVO QUEM MAIS ORDENA".

JOSE AFONSO PEDROSA DE OLIVEIRA

Delegação do Ministério do Trabalho

Leiria

Telefone: 25792 - Residência

25008 - Serviço

22336 - Casa em Santarém

(fins de semana)

LEIRIA

→ É tudo. Ou seja: é tudo o que ao correr da caneta surge e parece útil (talvez desabafos?) dizer. Vai junto um exemplar do comunicado da BASE sobre o actual momento cujo conteúdo é partilhado por toda a Organização e pessoalmente por Leiria.

Como amigo e "ex-camarada de armas", queria sempre contar consigo.

Um grande abraço extensivo à molta conhecida daí da Paz.

Jose Afonso Pedrosa de O